

REVISTA MEMENTO

V.3, n.2, ago.-dez. 2012

Revista do mestrado em Letras *Linguagem, Discurso e Cultura* – UNINCORISSN 1807-9717

GÊNERO NOTÍCIA: UM JOGO DIALÓGICO**Adriana Pryscilla Duarte de MELO¹**

Resumo: Este trabalho pretende apresentar sucintamente as diferentes perspectivas do estudo dos gêneros na atualidade, a partir de autores como Bakhtin, Bazerman, Schneuwly, Marcuschi e Cunha, bem como algumas das características principais do Gênero Notícia, em especial da dialogia presente neste gênero.

Palavras-chave: Gênero. Discurso. Notícia.

Questões introdutórias

O estudo dos gêneros discursivos / textuais é imprescindível na atualidade, já que “todas as esferas da atividade humana, por mais variadas que sejam, estão sempre relacionadas com a utilização da língua” (BAKHTIN, 1992, p. 279), é a língua em funcionamento que deve ser levada em consideração. Para Bakhtin, só nos comunicamos, falamos ou escrevemos através dos infindáveis repertórios de gêneros do discurso e todas as esferas da atividade humana, por mais variadas que sejam, estão sempre relacionadas com a utilização da língua. Não é de surpreender que o caráter e os modos dessa utilização sejam tão variados como as próprias esferas da atividade humana.

Para Marcuschi (2003) os grandes suportes tecnológicos da comunicação vão propiciando e abrigando gêneros novos bastante característicos. Os gêneros são eventos sociais maleáveis e surgem das necessidades e atividades socioculturais com grande influência das inovações tecnológicas. Segundo ele, o que determina o gênero pode ser a forma, a função, o suporte ou o ambiente em que os textos aparecem.

¹ Mestranda em Letras – Linguagem, Cultura e Discurso da Universidade Vale do Rio Verde – Unincor – Três Corações/MG/Brasil – pryscilladuarte@gmail.com

Para Cunha (2002) a linguagem é um processo de interação de sujeitos socio-historicamente situados e não mais a língua – isolada do contexto em que é produzida. O sentido não está nas formas da língua. Só é entendido se tivermos acesso a seus elementos constitutivos: participantes, lugar, tempo, propósito comunicativo e diferentes semiologias (elementos verbais, não verbais, estrutura visual do gênero). Ainda para a autora (2002, p.167) “fora da situação de produção da língua o que há são abstrações, como frases e palavras isoladas, com os quais o ensino de línguas trabalhou e ainda trabalha”. Estudar a língua ou qualquer gênero que a constitui seria, portanto, ir além das estruturas linguísticas.

Bakhtin (2000, p.291) diz que “[...] cedo ou tarde, o que foi ouvido e compreendido de modo ativo encontrará eco no discurso ou no comportamento subsequente do ouvinte”. Assim, o locutor que expressa sua posição a partir de um fato espera encontrar no outro, ou seja, no interlocutor que ele imagina uma resposta, uma aceitação do seu discurso. Uma notícia, por exemplo, mesmo devendo ser imparcial, pode utilizar-se da linguagem verbal e não verbal para demonstrar sua visão sob o objeto de discurso e atingir o público no qual é direcionado.

Fundamentação teórica

Bakhtin e os gêneros discursivos

Para tratar da questão dos gêneros, antes de tudo, deve-se, quase que obrigatoriamente, passar por Bakhtin. A grande maioria dos autores que abordam essa temática percorre este caminho, pois é em Bakhtin que se encontram conceitos importantes de gênero. Para ele, qualquer enunciado considerado isoladamente é, claro, individual, mas cada esfera de utilização da língua elabora seus tipos relativamente estáveis de enunciados, sendo isso que denominamos gêneros do discurso (BAKHTIN, 1992, p. 279).

A partir deste conceito, é possível perceber que a variedade de gêneros do discurso é infinita e, estes, mudam constantemente de acordo com sua esfera de utilização. Esse caráter mutável, Bakhtin denomina de:

heterogeneidade dos gêneros do discurso (orais e escritos), que incluem indiferentemente: a curta réplica do diálogo cotidiano (com diversidade que este pode apresentar conforme os temas, as situações e a composição de seus protagonistas), o relato familiar, a carta (com suas variadas formas), a ordem militar padronizada, em sua forma lacônica e em sua forma de ordem circunstanciada, o repertório bastante diversificado dos documentos oficiais (em sua maioria padronizados), o universo das declarações públicas (num sentido amplo, as sociais, as políticas). (BAKHTIN, 1992, p. 279-280)

Além de definir os gêneros em primários – mais simples e ligados ao corriqueiro, e secundários – mais elaborados, como os literários, científicos e ideológicos, Bakhtin ressalta a importância de se levar em conta a situação social em que o enunciado foi produzido, já que um gênero absorve e transmuta o outro em cada esfera comunicativa. O gênero é a forma que a linguagem toma para expor um enunciado. Essa forma constitui esses tipos relativamente estáveis de que fala Bakhtin, e esta estabilidade se dá histórica e socialmente nos contextos interacionais.

Os gêneros vão se transmutando de acordo com o contexto histórico na qual estão inseridos. Daí a dificuldade de se definir uma quantidade de gêneros existentes, pois cada situação, cada contexto social pode originar um gênero com características próprias e objetivos discursivos específicos.

Os gêneros como instrumento psicológico e social

Schneuwly baseia-se nas ideias de Bakhtin para discutir a questão dos gêneros primários e secundários e como esses gêneros se transformam e se complexificam. Para ele, nos gêneros primários não há controle metalinguístico, é o gênero das relações cotidianas, espontâneas, enquanto os secundários possuem relações mediadas pela leitura e escrita, não há lugar para imediatez. Os primários são instrumentos de criação dos secundários e é a escola, segundo o autor, que vai dar condições para que os alunos transformem gêneros primários em secundários.

O gênero é, para Schneuwly, como um instrumento psicológico que acontece entre dois polos, o sujeito e o objeto sobre o qual ele age, ou seja, na interação social entre estes dois. “Os instrumentos encontram-se entre o indivíduo que age e o objeto sobre o qual ele age: eles determinam seu comportamento, guiam-no, afinam e diferenciam sua percepção da situação na qual ele é levado a agir.” (SCHNEUWLY, 2004, p. 23)

Essa ideia vai ao encontro dos pensamentos de Bakhtin que também considera o gênero como um instrumento mediador que transforma o artefato material ou simbólico em atividade que será apropriada pelo sujeito. Na prática, o que isso quer dizer é que cada esfera social utiliza os gêneros que se caracterizam por seu conteúdo temático, estilo e construção composicional – características apresentadas por Bakhtin, lembradas por Schneuwly.

Pode-se relacionar à questão do texto como instrumento de Schneuwly as ideias de Bazerman (2005, p.21):

[...] diversos fatos sociais são produzidos. Esses fatos não poderiam existir se as pessoas não os realizassem por meio da criação de textos[...]. Temos gêneros altamente tipificados de documentos e estruturas sociais altamente tipificadas nas quais esses documentos criam fatos sociais que afetam as ações, direitos e deveres das pessoas.

Bazerman aborda assim, de maneira bem clara, uma série de conceitos que demonstram como os usuários podem significar e ressignificar relações com os textos. Ele define os fatos sociais como as verdades das pessoas, como elas moldam uma situação e afetam seus discursos, seus atos de fala.

Os atos de fala, conforme nos aponta Bazerman (2005), são incorporados por todos os enunciados e podem ser definidos em três níveis: ato locucionário – o que foi dito, ato ilocucionário – o ato pretendido e o ato perlocucionário, que pode ser entendido como o efeito real que o que foi dito causou. Compreendendo essas condições que emergem da comunicação entende-se que quando você padroniza o gênero, as ações sociais também são padronizadas.

Fica claro que, para todos os autores mencionados acima, é a linguagem que molda a realidade. Se é assim, como trabalhar estas questões no âmbito escolar? O livro de Marcuschi, “Produção textual, análise de gênero e compreensão” fornece informações para a prática de ensino em torno da produção de textos, da análise de gêneros e da leitura. Para isso, ele discute o fato do estudo dos gêneros não ser novo.

Marcuschi (2008) ressalta que foi com Aristóteles o surgimento de uma teoria sistemática sobre os gêneros e sobre a natureza do discurso. Para ele o discurso possui três elementos: aquele que fala; aquilo sobre o que se fala e aquele a quem se fala; e três tipos de ouvintes: o espectador que olha o presente; como assembleia que olha o futuro e como juiz que julga sobre coisas passadas. Em consequência, teríamos então três gêneros de discurso retórico, o deliberativo; o judiciário e o demonstrativo.

Segundo o autor, hoje o estudo dos gêneros textuais está na moda, mas em outra perspectiva, mais multidisciplinar. Assim, a análise de gêneros engloba uma análise do texto e do discurso e uma descrição da língua e visão da sociedade, e ainda tenta responder a questões de natureza sociocultural no uso da língua de uma maneira geral. Marcuschi (2008, p. 149) adota a posição de C. Miller (1984) que diz que os gêneros são uma “forma de ação social”, um “artefato cultural” e, por este motivo, seu estudo mostra o funcionamento da sociedade também. Para demonstrar tal constatação, ele apresenta diversos exemplos, como monografia e trabalho de conclusão de curso, em que todos escrevem, de maneira geral, do mesmo jeito.

Perspectivas para o estudo dos gêneros são apresentadas no livro “Produção textual, análise de gênero e compreensão”, tais como a perspectiva sócio-histórica e dialógica (Bakhtin); a perspectiva comunicativa (Steger, Gülich, Berkenkotter), a sistêmico-funcional [Halliday], perspectiva sócio retórica de caráter etnográfico voltada para o ensino de segunda língua (Swales, Bhatia) e a perspectiva interacionista e sócio discursiva de caráter psicolinguístico e atenção didática voltada para língua materna [Bronckart, Dolz, Schneuwly], perspectiva da análise crítica [N. Fairclough; G. Kress], perspectiva sócio retórica / sócio histórica e cultural [C. Miller, Bazerman, Freedman], perspectiva sócio discursiva [Bronckart], perspectiva sócio cognitiva e interativa (Heinemann-Viehweger; L. A. Marcuschi, I.V. Koch), perspectiva cognitiva [Jean Michel Adam, Teun Van Dijk, Robert

Beaugrande, Bonini], perspectiva histórico-cultural e sistêmica de natureza multi-nível [Douglas Biber]. Porém, para Marcuschi, elas não representam de modo completo todas as possibilidades teóricas existentes no momento.

Importante enfatizar que uma das ideias centrais da obra de Marcuschi é a de que é impossível não se comunicar verbalmente por algum gênero, assim como é impossível não se comunicar verbalmente por algum texto, sendo a comunicação verbal só possível por algum gênero textual. Para deixar alguns conceitos claros, Marcuschi (2008, p. 154-155) define tipo textual como algo que designa uma espécie de sequência retórica subjacente definida pela natureza linguística de sua composição; gênero textual como os textos materializados em situações comunicativas recorrentes; e o domínio discursivo como muito mais uma “esfera da atividade humana” no sentido bakhtiniano do termo do que um princípio de classificação de textos e indica instâncias discursivas, por exemplo: discurso jurídico, discurso jornalístico, discurso religioso etc.

Marcuschi segue enfatizando como os gêneros são atividades discursivas socialmente estabilizadas que se prestam aos mais variados tipos de controle social e até mesmo ao exercício de poder, pois eles são a nossa forma de inserção, ação e controle social. Toda e qualquer atividade discursiva se dá em algum gênero e eles são necessários para a interlocução humana.

Apesar de que, para o autor, seja difícil denominar os gêneros, ele nomeia alguns critérios para esta tarefa: forma estrutural, propósito comunicativo, conteúdo, meio de transmissão, papéis dos interlocutores e contexto situacional.

A questão da intergenericidade de funções e formas de gêneros diversos num dado gênero também é abordada por Marcuschi (2008). Para o autor, ela deve ser distinguida da questão da heterogeneidade tipológica do gênero, que diz respeito ao fato de um gênero realizar sequências de vários tipos textuais. Resumidamente, no caso dos gêneros, temos: intergenericidade - um gênero com a função de outro e heterogeneidade tipológica - um gênero com a presença de vários tipos.

Marcuschi ainda aborda a questão do suporte dos gêneros e apresenta um quadro de categorias analíticas, que define como suporte de um gênero um locus físico ou virtual com formato específico que serve de base ou ambiente de fixação do gênero materializado como texto. Os suportes podem ser convencionais, como o livro didático, jornal diário, revista científica, rádio, TV etc; ou incidentais como embalagens de produtos, para-choques de caminhão, roupas, paredes, muros e calçadas e internet.

Os gêneros textuais e tecnologia digital

Já que o trabalho com gêneros está na moda, seria inapropriado, neste trabalho, não abordar as questões acerca da tecnologia digital e dos gêneros que dela emergem. Marcuschi (2005, p. 13) trata a questão como polêmica, “isso porque os ambientes virtuais são extremamente versáteis e hoje competem, em importância, entre as atividades comunicativas, ao lado do papel e do som.”

Sobre as relações da internet com a escrita e a proximidade desta com a oralidade, Marcuschi (2005) propõe uma revisão de conceitos tradicionais que permite repensar a relação entre oralidade e escrita e trata dos efeitos que as novas tecnologias causam na linguagem. Definindo conceitos como mídia eletrônica, CMC (Comunicação mediada por computador) e letramento digital, discute os aspectos dessa interação face a face. Aspectos tais como o hibridismo – a fala por escrito presente na linguagem digital, o alto grau de informalidade e a linguagem em seu estado natural de produção, ou seja, uma nova forma de uso da língua enquanto prática interativa encontrada nos mais diversos ambientes virtuais: e-mails, chats, blogs.

A notícia – um gênero dialógico

Para Cunha (2002) baseada na perspectiva bakhtiniana todo enunciado é uma resposta a um já-dito, seja numa situação imediata, seja num conceito mais amplo. Moirand (1999 *apud* CUNHA, 2002, p. 168) define *dialogismo mostrado* como todas as formas de

representação que um discurso dá de outro, explicitamente por meio de marcas tipográficas ou das formas verbais e *dialogismo constitutivo* como modo de construção do discurso por meio da incorporação de outros sobre o mesmo objeto, podendo ou não ser percebido. Analisar a dinâmica da interação entre o discurso e o contexto é tentar compreender as posições dos sujeitos. Ainda para Cunha (2002) componente essencial da prática de linguagem, o ‘dizer sobre o dizer’ é marcado em inúmeros gêneros discursivos como notícias, resenhas, artigos científicos, conversas cotidianas etc.

Especificamente no gênero notícia, Van Dijk (1992 apud CUNHA, 2002, p.170) postula que as notícias são um gênero que tem uma estrutura global diferente das outras narrativas, ou seja, tem uma maneira diferente de organizar os tópicos globais no texto. As estruturas temáticas no discurso noticioso obedecem a uma ordem, uma estrutura de relevância que indica ao leitor qual a informação ou o tópico mais importante.

Nesse contexto, Zanchetta Jr. (2004, p. 43) diz que:

embora seja a própria imprensa e menos a sociedade ou o cotidiano quem define em grande parte os assuntos que são notícia, a sistematização das informações oferecida pelos jornais ajuda as pessoas a hierarquizar e associar questões de algum modo pertinentes face ao enorme volume de mensagens disponíveis no dia-a-dia urbano.

O mesmo autor define notícia como uma forma de narração muito familiar entre as pessoas desde os primeiros anos de vida e aponta características linguísticas fundamentais como a concretude, o uso de frases curtas, certa limitação do repertório verbal e redação em terceira pessoa.

Toma-se como exemplo a notícia abaixo.

FOLHA DE S. PAULO

Domingo, 8 de julho de 1990 C-1

O “exagerado” Cazuzza morre aos 32

Da Sucursal do Rio

O cantor e compositor Cazuzza, apelido de Agenor de Miranda Araújo Neto, morreu aos 32 anos, às 8h30 de ontem, de parada cardíaca provocada por insuficiência respiratória e edema pulmonar, segundo informou seu pai, João Araújo. Cazuzza sofria de Aids, diagnosticada em outubro de 1987. Ele deixou 14 músicas inéditas, que devem ser transformadas em um LP.

Cazuzza morreu na casa dos pais, em Ipanema, zona sul do Rio. Estavam lá sua mãe, Lúcia Araújo, o pai, a enfermeira Márcia de Jesus e o médico Paulo Lopes, que chegou momentos antes da morte. Pesava 38 quilos.

Segundo João Araújo, a crise respiratória e pulmonar de Cazuzza começou cerca de 48 horas antes da sua morte. Ele já não comia alimentos sólidos há três dias. Na noite de sexta-feira to-

mou um milk-shake de creme que preferiu a uma laranja lima oferecida pela mãe. Foi sua última refeição.

O corpo do cantor chegou ao cemitério São João Batista, em Botafogo, zona sul, às 11h12. O enterro estava previsto para 16h. Trinta e seis policiais militares cercaram a capela nº 2, onde o corpo do cantor era velado, impedindo a entrada de pessoas que não eram da família do cantor. Através do amigo Paulo Cesar Ferreira, a família permitiu, em seguida, a entrada de amigos e repórteres. A partir das 13h50, a PM montou um esquema para que o corpo de Cazuzza fosse velado pelos fãs. Cerca de cem soldados da PM vigiavam os arredores da capela. O caixão permaneceu o tempo todo tampado.

Desde março, quando foi pela última vez fazer tratamento nos Estados Unidos, Cazuzza não mais quis ser internado em hospitais,

permanecendo o tempo todo na casa dos pais. Ele tomava remédios receitados pelos médicos norte-americanos. O principal deles era Grancelovir, que tinha o objetivo de fortalecer seu organismo e prepará-lo para tomar um novo remédio desenvolvido nos Estados Unidos. Em março ele não pôde tomar o novo remédio por estar muito fraco.

João Araújo disse que, como pai, se sentia “orgulhoso” da disposição de Cazuzza, que há três anos lutava contra a doença. Dias antes de morrer, Cazuzza disse para sua mãe, Lúcia Araújo, que na sua morte ele não queria que ela se comportasse como “uma mãe de preto, chorando”, mas sim como uma “Regina Gordilho”, referência à disposição de luta da vereadora do PDT carioca que teve um filho assassinado por policiais militares.



Sobre a morte de Cazuzza nas páginas C-3 e C-4

Fãs velam o corpo de Cazuzza, na capela nº 2, do cemitério São João Batista, ontem, no Rio de Janeiro

Retirada do Jornal *Folha de São Paulo*, do caderno Cidades, de 08 de julho de 1990, dia que sucedeu a morte do cantor Cazuzza. A notícia traz elementos peritextuais que indicam a situação enunciativa: nome do jornal, data, estrutura visual, título.

Numa análise mais detalhada e vendo em destaque o título **O “exagerado” Cazuzza morre aos 32**, pode-se questionar qual seria a intenção do jornalista em utilizar a palavra *exagerado* antes do nome Cazuzza? O que estaria por trás dessa palavra entre aspas?

Fernandes (2008) assinala que na dimensão da *prática social*, o discurso, ao ser produzido e interpretado, constitui uma ação social em um contexto situacional, ideologicamente marcado. Tal característica mostra a importância de se reconhecer as

condições de produção, pois elas são constitutivas no processo de construção de sentido do discurso. Já que o sentido de uma palavra – no caso específico dessa análise a palavra “exagerado” – não existe em si mesmo, é preciso romper as estruturas linguísticas para se chegar a ele, é preciso compreender o não dito, ou seja, o que está implícito.

O modo como o autor da notícia faz referência à palavra “exagerado” faz parte de um jogo discursivo e quer dizer muita coisa. Koch (1997) demonstra que a referenciação constitui uma atividade discursiva. O sujeito por ocasião da interação verbal, opera sobre o material linguístico que tem à sua disposição e procede a escolhas significativas para representar estados de coisas, de modo condizente com a sua proposta de sentido.

É de conhecimento, pelo menos da maioria dos leitores que “Exagerado” é o nome de uma das canções mais populares de Cazuza², segue abaixo:

Amor da minha vida
Daqui até a eternidade
Nossos destinos
Foram traçados na maternidade

Paixão cruel desenfreada
Te trago mil rosas roubadas
Pra desculpar minhas mentiras
Minhas mancadas

Exagerado
Jogado aos teus pés
Eu sou mesmo exagerado
Adoro um amor inventado

“Eu nunca mais vou respirar
Se você não me notar
Eu posso até morrer de fome
Se você não me amar

E por você eu largo tudo
Vou mendigar, roubar, matar
Até nas coisas mais banais
Prá mim é tudo ou nunca mais

² Letra retirada de <http://letras.mus.br/cazuza/43861/>.

Exagerado
Jogado aos teus pés
Eu sou mesmo exagerado
Adoro um amor inventado

E por você eu largo tudo
Carreira, dinheiro, canudo
Até nas coisas mais banais
Prá mim é tudo ou nunca mais

Exagerado
Jogado aos teus pés
Eu sou mesmo exagerado
Adoro um amor inventado

Jogado aos teus pés
Com mil rosas roubadas
Exagerado
Eu adoro um amor inventado”

A letra da música, basicamente, é uma letra que fala de amor, contudo, o autor vale-se do título e não da letra para caracterizar Cazuza (cantor e compositor da música), deixando assim clara a opinião dele sobre Cazuza: uma pessoa exagerada. Tal posicionamento poderia ser reforçado pelas escolhas que o autor faz no corpo da notícia. “Cazuza sofria de Aids, diagnosticada desde 1987.”

Apresentando os outros elementos da notícia vê-se que o autor descreve brevemente em terceira pessoa, onde se deu a morte do cantor, as pessoas que o acompanhavam na hora do ocorrido, a última refeição que fez, o tratamento nos Estados Unidos, informações sobre o sepultamento, entre outros.

No que diz respeito ao dialogismo, verifica-se a representação de falas do pai de Cazuza, João Araújo, introduzidas pelas expressões *Segundo João Araújo* e *João Araújo disse*. E do próprio Cazuza em:

Cazuza disse para sua mãe, Lúcia Araújo, que na sua morte ele não queria que ela se comportasse como “uma mãe de preto, chorando”, mas sim como uma “Regina Gordilho”, referência à disposição de luta da vereadora do PDT carioca que teve um filho assassinado por policiais militares.

É, portanto, no processo de interação com o texto, na análise de seu funcionamento dialógico que podemos enxergar o que está implícito. Conforme afirma Koch (1997, p. 25),

o sentido não está no texto, mas se constrói a partir dele, no curso de uma interação. Para ilustrar essa afirmação tem-se recorrido com frequência à metáfora do *iceberg*: como este, todo texto possui apenas uma pequena superfície exposta e uma imensa área imersa subjacente. Para se chegar às profundezas do implícito e dele extrair um sentido, faz-se necessário o recurso a vários sistemas de conhecimento e a ativação de processos e estratégias cognitivas e interacionais.

Sendo assim, os fatores linguísticos e textuais escolhidos pelo autor da notícia possibilitam-nos construir uma imagem de seu público destinatário e a partir destas observações pode-se concluir que até mesmo as escolhas individuais estariam condicionadas pelo outro.

Conclusão

Não importa se o texto em questão é uma história em quadrinhos, carta do leitor, notícia, e-mail ou poesia, se são gêneros orais ou escritos. Nesses ou em qualquer outro dos infinitos gêneros de que a linguagem se vale para fazer seu papel de comunicar, o que temos, conforme nos ensina Bakhtin, são enunciados relativamente estáveis que permitem que reconheçamos esses e outros gêneros em qualquer situação comunicativa.

De Aristóteles a Marcuschi, o que se obtém numa análise de gêneros é que sempre há aquele que fala, aquilo sobre o que se fala e aquele para quem se fala. Os gêneros são assim uma forma de ação social, são modelos comunicativos localizados em situações concretas de uso da linguagem, não são neutros nunca.

Portanto o trabalho com gêneros deve, antes de tudo, ter uma nova perspectiva, levar em conta a língua em funcionamento, a língua enquanto atividade interativa e não como acontece na escola, em que se visa a gramática, em que são consideradas questões vagas, abstratas, uma “língua morta”, pois são os usos que fundam a língua e não o contrário.

No que concerne o gênero notícia, percebe-se que, bem mais do que um simples relato, ela possui fragmentos de fala e informações que podem muitas vezes marcar a posição discursiva do jornalista.

***Abstract:** This paper aims to briefly present the different perspectives in the study of genres nowadays, from authors such as Bakhtin, Bazerman, Schneuwly, Marcuschi and Cunha, as well as some of the main features of Gender News, especially the dialogic present in this genre.*

***Keywords:** Genres. Discourse. News.*

Referências

- BAKHTIN, M. Os gêneros do discurso. **Estética da criação verbal**. Tradução: Maria Ermantina Galvão Gomes Pereira. São Paulo: Martins Fontes, 1992.
- BAZERMAN, C. Atos de fala, gêneros textuais e sistema de atividades: como os textos organizam atividades e pessoas. In: **Gêneros textuais, tipificação e interação**. Organização: Angela Paiva Dionísio e Judith Chambliss Hoffnagel. São Paulo: Cortez, 2005.
- CUNHA, Dóris de Arruda Carneiro da. O funcionamento dialógico em notícias e artigos de opinião. In *Gêneros textuais & ensino*. Rio de Janeiro: Lucerna, 2002.
- FERNANDES, Cleudemar Alves. **Análise do discurso: reflexões introdutórias**. São Carlos: Editora Claraluz, 2008.
- MARCUSCHI, Luiz Antônio. Gêneros textuais emergentes no contexto da tecnologia digital. In: MARCUSCHI, L. A. e XAVIER, A. C. (Orgs.) **Hipertexto e gêneros digitais**. 2 ed. Rio de Janeiro: Lucerna, 2005, p. 13-67. Produção textual, análise de gêneros e compreensão. São Paulo: Parábola Editorial, 2008.
- MARCUSCHI, Luiz Antônio. Algumas perspectivas para o estudo dos gêneros. In: **Produção textual, análise de gêneros e compreensão**. São Paulo: Parábola Editorial, 2008.
- KOCK, Ingendore Grunfeld Villaça. **O texto e a construção dos sentidos**. São Paulo: Contexto, 1997.

SCHNEUWLY, B. Gêneros e tipos de discurso: considerações psicológicas e ontogenéticas. In: _____; DOLZ, J. e Cols. **Gêneros orais e escritos na escola**. Tradução e organização: Roxane Rojo e Gláís Sales Cordeiro. Campinas, SP: Mercado das Letras, 2004.

ZANCHETTA JÚNIOR, Juvenal. Imprensa escrita e telejornal. 134 p. São Paulo: Editora Unesp, 2004.

ACERVO DIGITAL FOLHA DE SÃO PAULO. Disponível em:
<<http://acervo.folha.com.br/fsp/1990/07/08/339>>. Acesso em 20/06/2012.

Letras.mus.br. Disponível em:<<http://letras.mus.br/cazuza/43861/>> Acesso em 21/06/2012.

ANEXO A – Notícia da morte de Cazuza Folha de São Paulo

FOLHA DE S. PAULO

Domingo, 8 de julho de 1990 C-1

O “exagerado” Cazuza morre aos 32

Da Sucursal do Rio

O cantor e compositor Cazuza, apelido de Agenor de Miranda Araújo Neto, morreu aos 32 anos, às 8h30 de ontem, de parada cardíaca provocada por insuficiência respiratória e edema pulmonar, segundo informou seu pai, João Araújo. Cazuza sofria de Aids, diagnosticada em outubro de 1987. Ele deixou 14 músicas inéditas, que devem ser transformadas em um LP.

Cazuza morreu na casa dos pais, em Ipanema, zona sul do Rio. Estavam lá sua mãe, Lúcia Araújo, o pai, a enfermeira Márcia de Jesus e o médico Paulo Lopes, que chegou momentos antes da morte. Pesava 38 quilos.

Segundo João Araújo, a crise respiratória e pulmonar de Cazuza começou cerca de 48 horas antes da sua morte. Ele já não comia alimentos sólidos há três dias. Na noite de sexta-feira to-

mou um milk-shake de creme que preferiu a uma laranja lima oferecida pela mãe. Foi sua última refeição.

O corpo do cantor chegou ao cemitério São João Batista, em Botafogo, zona sul, às 11h12. O enterro estava previsto para 16h. Trinta e seis policiais militares cercaram a capela nº 2, onde o corpo do cantor era velado, impedindo a entrada de pessoas que não eram da família do cantor. Através do amigo Paulo Cesar Ferreira, a família permitiu, em seguida, a entrada de amigos e repórteres. A partir das 13h50, a PM montou um esquema para que o corpo de Cazuza fosse velado pelos fãs. Cerca de cem soldados da PM vigiavam os arredores da capela. O caixão permaneceu o tempo todo tampado.

Desde março, quando foi pela última vez fazer tratamento nos Estados Unidos, Cazuza não mais quis ser internado em hospitais,

permanecendo o tempo todo na casa dos pais. Ele tomava remédios receitados pelos médicos norte-americanos. O principal deles era Grancelovir, que tinha o objetivo de fortalecer seu organismo e prepará-lo para tomar um novo remédio desenvolvido nos Estados Unidos. Em março ele não pôde tomar o novo remédio por estar muito fraco.

João Araújo disse que, como pai, se sentia “orgulhoso” da disposição de Cazuza, que há três anos lutava contra a doença. Dias antes de morrer, Cazuza disse para sua mãe, Lúcia Araújo, que na sua morte ele não queria que ela se comportasse como “uma mãe de preto, chorando”, mas sim como uma “Regina Gordilho”, referência à disposição de luta da vereadora do PDT carioca que teve um filho assassinado por policiais militares.



Fãs velam o corpo de Cazuza, na capela nº 2, do cemitério São João Batista, ontem, no Rio de Janeiro

Sobre a morte de Cazuza ver pág. C-3 e C-4